

# Esquerda e progressismo são hoje duas coisas diferentes na América Latina.

## Entrevista especial com Eduardo Gudynas



Por: João Flores da Cunha | Tradução: Juan Luis Hermida | 30 Março 2017 ©

### A A

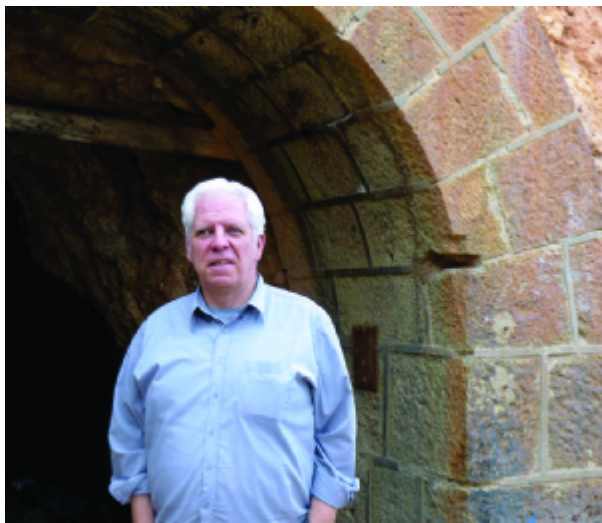
Nos últimos anos, a [América Latina](#) viu diversos de seus países serem governados por partidos progressistas e ligados à **esquerda**: o **Partido dos Trabalhadores** no **Brasil**, o **kirchnerismo** na **Argentina**, os **bolivarianos** na **Bolívia**, no **Equador** e na **Venezuela**, e a **Frente Ampla**, no **Uruguai**. Embora tenham suas raízes na esquerda, porém, esses governos “são um tipo de esquema político diferente da esquerda que lhes deu origem. Esquerda e progressismo são hoje, na América Latina, duas coisas diferentes”. Essa é a visão expressa pelo ambientalista e pesquisador uruguaio **Eduardo Gudynas**, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

**Gudynas**, especialista em temas relacionados ao meio ambiente e desenvolvimento, afirma que os [governos progressistas](#) justificaram o processo de extração de recursos naturais na [América Latina](#) como “necessários para o progresso e para os planos de assistência social”, apesar de seus impactos

ambientais. Segundo ele, “o progressismo está focado no crescimento econômico por meio de desenvolvimentos convencionais, tolera e encoraja empreendimentos de alto impacto como os extrativismos, e acredita que a pobreza se resolve pelo assistencialismo ou mais consumismo”.

Em sua avaliação, “a ideia do **progressismo** de se converter numa **nova esquerda** que fosse efetiva para proteger as classes populares e o meio ambiente não se concretizou”. Para ele, o **Brasil**, que “é o maior extrativista do continente”, está “muito atrasado” em comparação com os países vizinhos no debate sobre um modelo econômico alternativo.

Segundo ele, é preciso “uma autocrítica de vários dos meus amigos nas grandes ONGs que ficaram deslumbrados com o Brasil potência global e com as empresas campeãs nacionais. Estavam mais interessados em discutir questões sobre o papel do Brasil nos **BRICS** e eram mais frágeis na busca de alternativas à **Vale** e outras empresas mineradoras, ou para entender que a discussão sobre o pré-sal não era apenas sobre onde investir os royalties”.



Gudynas | Foto: P7 Progressismo

[Eduardo Gudynas](#) é ambientalista e pesquisador vinculado ao Centro Latino-Americano de Ecologia Social – CLAES, do qual é secretário-executivo. Ele tem formação pela Faculdade de Medicina da Universidade da República – UDeLaR, do Uruguai, e já exerceu a função de professor visitante em diversas universidades da América Latina e dos Estados Unidos.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – Quais são as principais características do neoextrativismo?**

**Eduardo Gudynas** – Para responder a esta pergunta, primeiro é necessário definir o [conceito do extrativismo](#). Em sentido estrito, é uma apropriação de grandes volumes de recursos naturais que em sua maioria são exportados como matérias-primas para a globalização. Esta definição segue os usos históricos do termo, as posturas da sociedade civil e várias análises acadêmicas. Portanto, os

extrativismos são plurais, incluindo, por exemplo, no caso do **Brasil**, a mineração, os hidrocarburetos e especialmente os grãos de exportação, como a soja. E mais: o Brasil é o maior extrativista do continente. Apenas suas exportações de minérios representam o triplo das vendas de minerais de todos os demais países sul-americanos somados.

Há diferentes formas políticas e econômicas de organizar os **extrativismos**. Nós reconhecemos extrativismos de estilo conservador, como se observa no **Chile**, no **Peru** ou na **Colômbia**, com um forte controle das empresas transnacionais. Por outro lado, há um estilo progressista, em mãos dos governos da **nova esquerda** como o **PT** no Brasil, ou mesmo na **Bolívia**, no **Equador**, na **Argentina**, no **Uruguai** e na **Venezuela**. Essas eram novas estratégias e por isso foi chamado de “novo extrativismo progressista”, ou, em forma abreviada, “**neoextrativismo**”. Nesses casos existia um maior papel do Estado, às vezes por controles e em outras vezes por maiores impostos, ainda que só em alguns setores, usualmente o petróleo. No entanto, a maior distinção são os discursos pelos quais se justificam os extrativismos. Este estilo progressista os defendia como necessários para o progresso e para os planos de assistência social.

**IHU On-Line – No que se refere ao extrativismo, há diferenças entre os governos que chamamos progressistas e outros governos da região? O senhor acredita que houve algum avanço no período dos governos progressistas na América Latina neste tema?**

**Eduardo Gudynas** – Há diferenças importantes, já que não é a mesma coisa ter um setor mineiro totalmente em mãos de empresas privadas, como ocorre no **Peru**, ou contar com o papel das companhias estatais, como acontece no setor de hidrocarbonetos da **Bolívia** ou da **Venezuela**. Também é muito diferente o [papel do Estado](#), já que no estilo progressista se insiste em que ele é mais ativo.

Mas também há semelhanças. Em todos esses estilos, à **direita** ou à **esquerda**, os impactos sociais e ambientais têm sido enormes. Áreas naturais foram perdidas, territórios indígenas foram invadidos, solos e águas foram contaminados, e em quase todos os casos não foram solucionados os problemas da **pobreza**. O acidente recente mais grave para todos os extrativismos sul-americanos, o [rompimento da barragem em Mariana, Minas Gerais](#), ocorreu sob um governo progressista. Portanto, não se observam avanços em nenhum caso.

O **progressismo** tentou vincular o **extrativismo** a **políticas públicas**, como a assistência social, mas na prática esses mecanismos não funcionaram bem. Na realidade, a captação de dinheiro desse setor serviu sobretudo para financiar o Estado, mais do que para focar especificamente na luta contra a pobreza.

Portanto, a ideia do **progressismo** de se converter numa **nova esquerda** que fosse efetiva para proteger as classes populares e o meio ambiente não se concretizou.

### **IHU On-Line – A que o senhor atribui o fato de que em todos os países da América do Sul tenham-se identificado recentemente problemas de corrupção em atividades de extração?**

**Eduardo Gudynas** – Tudo indica que operam muitos fatores. Nos anos anteriores, os altos preços das matérias-primas e os êxitos das exportações geravam muito dinheiro, e por conta disso existiam muitos recursos disponíveis para nutrir as **redes de corrupção**. Hoje, com a queda dos preços internacionais, o dinheiro mobilizado por esses empreendimentos é muito menor, e claramente existem brigas para acessar esses recursos.

Em paralelo, está claro que vários mecanismos dos partidos políticos precisam da corrupção para financiar suas atividades, campanhas eleitorais etc., ou para devolver favores àqueles que os apoiaram nas eleições. Então, havia pessoas nos partidos que procuravam nichos em que poderiam instalar essas redes de captação de dinheiro, e os extrativismos eram muito atrativos.

Nos nossos estudos sobre a **corrupção** e **extrativismos** na **América do Sul**, confirmamos que existem atores dos partidos políticos muito ativos na corrupção, mas também há casos onde atuam funcionários de ministérios, do Poder Judiciário, dos governos municipais, e até de organizações cidadãs locais.


Tudo isso está no marco de problemas culturais mais profundos que devem nos conduzir à autocrítica. Há amplos setores da sociedade que toleram essa corrupção. Isso faz com que a institucionalidade e os controles continuem sendo fracos ou falhos.

Finalmente, no meu modo de ver, certos **extrativismos** de alto impacto, como as **megaminerações** a céu aberto, precisam da **corrupção**. É que se fossem cumpridos adequadamente os controles sociais e ambientais, esses projetos, que têm impactos muito severos, nunca seriam aprovados. Por isso, para assegurar a aprovação, devem ser retirados alguns direitos humanos e também apelar às

redes de corrupção para se conseguir os licenciamentos ambientais, evitar os controles etc. A corrupção NÃO é uma consequência dos extrativismos, mas uma necessidade, uma condição para levá-los adiante.

### **IHU On-Line – Pode-se dizer que haverá mais ou menos corrupção em um projeto extrativista caso ele seja gerenciado por uma empresa privada ou pelo Estado?**

**Eduardo Gudynas** – A informação disponível indica que não há maiores diferenças. Por exemplo, em nosso levantamento dos casos sul-americanos temos encontrado casos de corrupção em todas as empresas estatais petrolíferas de todos os países, da **Venezuela** ao **Chile**. Os casos são distintos, já que são enormes, por exemplo, na **Petrobras** do **Brasil** ou na **PDVSA** da **Venezuela** – o que é de se esperar dado os grandes volumes de dinheiro que movimentam. Mas há também casos de corrupção nas petrolíferas estatais do **Chile** ou do **Uruguai**, ainda que menores.

A necessidade de que as empresas estatais também sejam bem-sucedidas e lucrativas as obriga a repetir práticas competitivas capitalistas, tais como rebaixar as exigências sociais e ambientais. Ao seguir esse caminho, as empresas estatais se tornam vulneráveis aos extrativismos. 

### **IHU On-Line – A esquerda latino-americana ainda tem alguma contribuição a dar para a construção de um modelo de desenvolvimento econômico? O que ficou da discussão que a esquerda fazia quando não estava no governo?**

**Eduardo Gudynas** – Estou convencido de que uma **nova esquerda** é necessária, especialmente pelo seu compromisso com a justiça, e que isso é possível. Mas é indispensável saber diferenciar entre a esquerda e o progressismo atual. Os [progressismos](#), como o **PT** do **Brasil**, a **Alianza PAÍS** do **Equador**, a **Frente Ampla** do **Uruguai**, o **MAS** [Movimento para o Socialismo] da **Bolívia**, são um tipo de esquema político diferente da esquerda que lhes deu origem. Esquerda e progressismo são hoje, na **América Latina**, duas coisas diferentes. Para responder a sua pergunta, para compreender as alternativas de esquerda, há que ter muito clara essa diferença.

O **progressismo** está focado no crescimento econômico por meio de desenvolvimentos convencionais, tolera e encoraja empreendimentos de alto impacto como os extrativismos, e acredita que a pobreza se resolve pelo

assistencialismo ou mais consumismo. Esse progressismo não assegura adequadamente os direitos humanos, nem procura aprofundar a democracia, já que a sua obsessão é apenas ganhar eleições. A **esquerda**, em troca, debatia sobre os sentidos do desenvolvimento, buscava a radicalização da democracia, estava comprometida com os direitos humanos, e era a fonte de exploração de alternativas sociais e ambientais.

## **IHU On-Line – O senhor acredita que é possível reverter 500 anos de colonialismo e extrativismo na América Latina?**

**Eduardo Gudynas** – Essa meta é muito possível, e está essencialmente em nossas próprias mãos como latino-americanos. Nós somos os que devemos procurar alternativas aos extrativismos, e isso significa sair da ideia de desenvolvimento convencional. Essas questões são muito exploradas e discutidas nos países andinos, e até certo ponto no **Cone Sul** (Argentina, Chile e Uruguai).

O problema é que o [Brasil](#) está muito atrasado na comparação com os países vizinhos, e esse debate ainda é inicial. O peso do **progressismo do PT** foi muito forte, e há muitos atores – por exemplo, na academia ou na sociedade civil – que durante muitos anos tiveram dificuldades para recuperar sua independência. Então, por exemplo, enquanto no **Peru** e no **Equador** se discutiam modelos pós-extrativistas tais como deixar de explorar o petróleo, no **Brasil** esse debate não conseguia decolar.

Também deve haver uma autocrítica de vários dos meus amigos nas grandes ONGs que ficaram deslumbrados com o Brasil potência global e com as empresas campeãs nacionais. Estavam mais interessados em discutir questões sobre o papel do Brasil nos **BRICS** e eram mais frágeis na busca de alternativas à **Vale** e outras empresas mineradoras, ou para entender que a discussão sobre o pré-sal não era apenas sobre onde investir os royalties.

### **Leia mais**

- [América Latina. “O progressismo afastou-se das ideias iniciais da esquerda”. Entrevista com Eduardo Gudynas](#)
- [Corrupcion y Extractivismo: mutuamente asociados. Artigo de Eduardo Gudynas](#)
- [Debates em torno do extrativismo. Colonialismo “simpático” e as contradições dos nossos progressismos. Artigo de Eduardo Gudynas](#)
- [Eduardo Gudynas esfacela o “mito” Pepe Mujica](#)

- [Progressismo: as contradições dos governos da América Latina. Entrevista com Eduardo Gudynas](#)
- [Brasil: os Davids da terra contra os Golias do ferro](#)
- [O cenário político e econômico e os rumos da América Latina. Entrevista especial com Decio Machado](#)
- [A reconstrução de outro caminho diante do fim de uma forma de fazer política. Entrevista especial com Salvador Schavelzon](#)
- [Governos progressistas na América Latina: notas sobre o fim de um ciclo](#)
- [Uma esquerda latino-americana, sem a ecologia, cairá novamente na crise dos progressismos](#)
- [América Latina em tempos de lumpencapitalismo: ilusões progressistas devoradas pela crise](#)
- [Podem os governos progressistas sobreviver ao próprio sucesso?](#)
- [O futuro incerto do ciclo progressista sul-americano](#)
- [A opção que não transformou e que perdeu o fôlego. Entrevista especial com Raúl Zibechi](#)
- [O extrativismo como projeto de sociedade](#)
- [Negligência e corrupção explicam o desastre de Mariana. Entrevista especial com Apolo Heringer Lisboa](#)
- [Extrativismos inevitavelmente caem em corrupção](#)
- [Extratativismo acirra conflitos sociais na América Latina](#)
- [O modelo neoextrativista e o paradoxo latino-americano. Entrevista especial com Bruno Milanez](#)
- [Exportação de minério e a opção brasileira pela crise permanente. Entrevista especial com Bruno Milanez](#)
- [Neodesenvolvimentismo e neoextrativismo. Mineração em debate. Revista IHU On-line, Nº. 451](#)
- [América Latina, hoje. Revista IHU On-line, Nº. 292](#)

 Comunicar erro



## NOTÍCIAS RELACIONADAS

## Comissão discute afrouxar propostas anticorrupção

Parlamentares da comissão especial que analisa as medidas anticorrupção apresentadas pelo Ministério Público ao Congresso já[...]

LER MAIS

---

## Os 90 anos do "Comandante Fidel"

No último sábado, 13 de agosto, o ex-presidente de Cuba, Fidel Castro, completou 90 anos. Obviamente, é um aniversário importa[...]

LER MAIS

---



## Chile discute aborto após menina de 11 anos engravidar de padrasto

LER MAIS

---

## Jornal revela novo escândalo de corrupção próximo ao presidente do México

A primeira-dama do México, Angélica Rivera, utiliza um apartamento de luxo na Flórida que pertence ao g Pierdant, uma empre[...]

LER MAIS

---







Bem-vindo ao Disqus! Descubra outras discussões incríveis como essa. Nós somos muito mais que comentários.

Começar

Dismiss ✕

0 Comentários ihu

Pedro Simao ▾

Recomendar Compartilhar

Ordenar por Mais votados ▾

ihu solicitou que você verifique o seu e-mail antes de postar. Enviar e-mail de verificação para dm4sh1n3@hotmail.com ✕



Iniciar a discussão...

Seja o primeiro a comentar.



TAMBÉM EM IHU

### A operação Carne Fraca da Polícia Federal – cardápio indigesto

1 comentário • 9 dias atrás•

**Juca** — Me mostre provas. Tá parecendo mais uma das mentiras que gringos armam, arrumando pessoas ...

### Guerra civil no Vaticano. Conservadores desafiam ...

2 comentários • 24 dias atrás•

**Lázaro Pacheco** — e qual é o problema nisso? não é essa a teologia que o site se propõe a divulgar e defender?além ...

### Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Quarta-feira de Cinzas: quando ...

1 comentário • um mês atrás•

**Quenani Leal** — Texto fabuloso! Um pouco mais de invisibilidade e quietude para esses dias... Grato por ler.

### O custo-benefício de uma jornada de trabalho de seis horas

1 comentário • 16 dias atrás•

**ricardo504anos** — Vamos mandar p/ o Congresso lá tem muito empresário esperando uma dica dessas.

Inscreva-se Adicione o Disqus no seu site Adicionar Disqus Adicionar Privacidade

